

---

## A espacialidade urbana como um elemento cultural em *A Cidade & a Cidade*, de China Miéville<sup>1</sup>

Robinson Samulak ALVES<sup>2</sup>

Valquíria Michela John<sup>3</sup>

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

### RESUMO

A ficção especulativa costuma trazer os espaços urbanos como um forte elemento nas suas narrativas. Desde o final do século XVIII, com o nascimento do Romantismo, autores exploram os limites entre a realidade e o fantástico para ressignificar ou reforçar nossa relação com as cidades. Esse artigo parte deste conflito para analisar a maneira como o escritor inglês China Miéville explora a relação cultural entre espaço, sociedade e representação em seu romance *A Cidade & a Cidade* [2009]. O livro de Miéville é analisado, a fim de se compreender como a obra trata os aspectos culturais, a partir das diferenças espaciais apresentadas e desenvolvidas na trama.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espacialidade, Ficção Especulativa, Imaginário urbano.

### Introdução

A relação cultural entre espaço, sociedade e representação aparece de maneira regular na literatura, e com a ficção especulativa não é diferente. O gênero — ou tema-guarda-chuva utilizado para se referir às obras de Ficção Científica, Fantasia e Horror — explora das mais variadas maneiras o ambiente como um elemento nas obras.

Em cada um destes gêneros narrativos, a maneira como cada espaço é tratado, o quanto ele afeta as personagens e os significados que eles podem assumir, demonstram como a espacialidade tem papel relevante, tanto na ficção quanto na realidade. Os locais nos quais as histórias acontecem são tão importantes quanto o texto em si. E possibilitam que cada leitor se relacione com eles a partir da sua própria perspectiva.

O entendimento de como os espaços urbanos são percebidos, representados e internalizados pelas pessoas desempenha um papel crucial na compreensão das dinâmicas sociais e culturais de uma cidade, e isso pode ser visto também na ficção. É

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: rsamulakalves@gmail.com

<sup>3</sup> Coautora do trabalho. Professora do PPGCOM/UFPR, email: vmichela@gmail.com

---

neste sentido que as perspectivas sobre espacialidades e representações, a partir de Yi-Fu Tuan (1980; 1983) e Eduardo Marandola Jr. (2005; 2009), e sobre espacialidade e cultura, a partir de Micheal de Certeau (1994), Peter Burke (2005;2013) e Raymond Williams (1969; 1990), com um foco especial nos ambientes urbanos, são analisadas aqui.

### **As relações entre espacialidade urbana e a literatura**

A espacialidade está presente na Literatura, de modo (quase) indissociável. Quando uma narrativa acontece em um ambiente urbano, temos uma leitura dos próprios autores sobre o lugar. Ler os contos de Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle, é um convite para explorar a Inglaterra vitoriana. É mergulhar nos costumes de uma época, mas que estão diretamente ligados ao lugar onde a história é narrada — basta analisar as próprias histórias de Conan Doyle e perceber a maneira como Londres é descrita, em comparação com os ambientes rurais da Inglaterra, por exemplo.

Ou seja, há elementos suficientes na Literatura, para que ela possa dialogar harmonicamente com outras áreas do conhecimento. Isso também pode ser visto na maneira como a Geografia, a Arquitetura, a Sociologia e a Comunicação também se apropriam das diferentes ideias que existem de paisagem, para indicar múltiplos significados e ampliar a discussão sobre o tema (HOLZER, 1998; 2014; MAXIMIANO, 2004). Portanto, buscar compreender a espacialidade nas cidades da ficção — ou a representação (ou ainda o imaginário) das cidades reais retratadas pela literatura —, é um movimento que visa juntar duas abordagens e propostas que, embora partam de pressupostos diferentes, estão intimamente relacionadas.

### **As relações entre espacialidade urbana e cultura**

A espacialidade urbana desempenha um papel fundamental na cultura, atuando como palco para práticas cotidianas, construção de conhecimento e lutas culturais. Esse campo dinâmico reflete e influencia relações de poder, resistência e negociação cultural. Segundo Peter Burke (2005; 2013), a espacialidade está intimamente ligada à

---

construção social do conhecimento, moldando a cultura e a identidade das comunidades através da transmissão e acumulação de conhecimento em espaços específicos.

Raymond Williams (1969; 1990) explora como os espaços urbanos são ambientes em constante transformação, carregados de significados variados e moldados por práticas culturais dinâmicas. Ele introduz o conceito de "cultura comum", onde diferentes práticas culturais de vários grupos contribuem para a formação de uma cultura mais ampla.

Já Michel de Certeau (1994) enfatiza as práticas cotidianas das pessoas comuns como formas de resistência que redefinem a cultura, destacando a distinção entre estratégias das instituições e táticas do cotidiano. A espacialidade, para Certeau, é um palco onde essas táticas individuais moldam ativamente os espaços e, conseqüentemente, a identidade cultural.

### **As cidades de China Miéville**

Em *A Cidade & a Cidade*, China Miéville, mergulha o leitor em um mundo onde a espacialidade transcende as fronteiras físicas tradicionais, revelando uma intrincada interseção entre espaço e cultura. Miéville desafia as convenções ao explorar as cidades gêmeas de Beszel e Ul Qoma, destacando como a espacialidade é intrinsecamente ligada à construção da identidade cultural e social.

Na obra, Beszel e Ul Qoma são duas cidades localizadas em algum lugar esquecido do continente europeu. Ambas ocupam o mesmo espaço geográfico, mas pertencem a nações distintas, sendo que é proibido que os habitantes de uma se relacionem com os da outra. Desde a infância, as pessoas são ensinadas a “desver” a outra cidade — desde os moradores até os edifícios e ruas. A trama tem início quando o corpo de uma mulher assassinada é encontrado em Beszel e o inspetor Tyador Borlú é encarregado de investigar o crime. Conforme avança na investigação, Borlú descobre que a mulher morta pertencia a Ul Qoma, e que o crime é apenas uma parte de uma complexa conspiração que visa unir as duas cidades.

Beszel e Ul Qoma possuem línguas diferentes, seus habitantes se vestem de maneiras distintas, suas comidas não são compartilhadas e até a maneira de andar é própria de cada cidade — não diferente do que é visto em relação às periferias e centros

---

elitizados de qualquer grande cidade do mundo, sobretudo com a gentrificação dos espaços urbanos.

Miéville desafia a concepção tradicional de espaço ao transformar a espacialidade em uma construção cultural. A fronteira entre Beszel e Ul Qoma não é física, mas mental, exigindo que os habitantes estejam constantemente atentos para não violar as regras sociais que definem o espaço de cada cidade. Essa abordagem inovadora destaca como a espacialidade é intrinsecamente entrelaçada com as práticas culturais e as percepções individuais.

A interação entre espacialidade e cultura é particularmente evidente na construção das identidades individuais e coletivas das personagens. Os habitantes de Beszel e Ul Qoma internalizam as regras espaciais desde a infância, moldando suas visões de mundo e sua compreensão de si mesmos em relação aos "outros". Essa internalização cria, ao mesmo tempo, imaginários e barreiras culturais que, por sua vez, se manifestam na espacialidade cotidiana.

Os desafios espaciais enfrentados pelos personagens refletem os conflitos culturais subjacentes. A necessidade de "desver" os habitantes da cidade vizinha não é apenas uma questão de convenção, mas uma manifestação da resistência cultural à mistura e à influência externa. A espacialidade, assim, atua como um mecanismo de preservação da identidade cultural, criando fronteiras invisíveis que delimitam não apenas o espaço físico, mas também as interações sociais.

O que Miéville faz é demonstrar como os espaços urbanos podem desempenhar um papel significativo na construção de temas como identidade, pertencimento, alienação e transformação. Atribuir afetos a um lugar, depende de uma complexa rede de relações sociais e isso passa por fatores econômicos e políticos em um nível pragmático, mas também passa pelo reino do imaginário (Harvey, 2004).

Miéville também utiliza a arquitetura das cidades como um elemento narrativo crucial para aprofundar a interconexão entre espacialidade e cultura. Beszel e Ul Qoma são descritas com detalhes precisos, destacando como a construção física reflete e molda as práticas culturais específicas de cada cidade. A arquitetura não é apenas um pano de fundo, mas uma parte integral da narrativa, revelando a complexidade das relações entre espaço e cultura.

---

A descrição minuciosa dos bairros, das ruas e dos edifícios enfatiza como a espacialidade é percebida e vivenciada pelos habitantes. A arquitetura não é apenas um cenário, mas um agente ativo na construção das identidades culturais. Os espaços urbanos tornam-se, assim, testemunhas silenciosas das interações culturais e das complexidades sociais que permeiam as cidades gêmeas.

*A Cidade & a Cidade* nos convida a refletir sobre a natureza da espacialidade como construção social. A obra de Miéville desafia as fronteiras convencionais entre espaço físico e cultural, demonstrando como a espacialidade é moldada por práticas sociais e concepções coletivas. O autor questiona a natureza arbitrária das fronteiras, tanto geográficas quanto mentais, incentivando uma análise crítica das maneiras pelas quais a cultura influencia nossa percepção do espaço ao nosso redor.

### **Considerações finais**

A literatura de Miéville é essencialmente urbana e política. O autor costuma recorrer a conflitos sociais potencializados por problemas que podem ser vistos em qualquer cidade. Em *A Cidade & a Cidade*, ele faz isso através do simbolismo de duas cidades que coexistem geograficamente, mas são tão distintas a ponto de pertencerem a nações diferentes. Isso faz com que seus habitantes tenham experiências contrastantes e criem significados igualmente distintos.

A cultura é um fenômeno complexo e multifacetado que desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva. Nesse sentido, pode-se pensar em como as cidades se apresentam como um ambiente para as práticas culturais como espaços de resistência e criação de significado. A cultura, afinal, é um processo dinâmico, influenciado por práticas cotidianas, mídia, conhecimento acumulado e lutas sociais. Ela não é estática, mas sim modelada e remodelada continuamente pelas interações humanas.

Em um mundo cada vez mais interconectado e diversificado, a compreensão da cultura como um processo de identidade torna-se essencial. As contribuições de De Certeau, Burke e Williams enriquecem nossa percepção da complexidade desse fenômeno, destacando que a cultura não é apenas um reflexo passivo da sociedade, mas sim um campo ativo de construção de significados, resistência e identidade. Ao

---

considerarmos essas perspectivas, ganhamos insights valiosos que podem informar nossa compreensão do papel da cultura na formação de quem somos individual e coletivamente.

## REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. O que é História Cultural. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. Uma História Social do Conhecimento: De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HARVEY, David. A condição Pós-Moderna. Tradução de São Paulo: Loyola, 2003.
- HOLZER, Werther. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil no século XVI. Tese (doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. GEOgraphia, v. 5, n.10. Niterói: UFF, 2003. p. 113-123.
- \_\_\_\_\_. Sobre territórios e lugaridades. Revista Cidades, v. 10, n. 17, p. 18-29, 2013.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia. Geografia, Rio Claro, v.30, n.3, p.393-420, set./dez. 2005.
- MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. Geografia, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009
- MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. RA'E GA. n.8, Curitiba: UFPR, 2004, p.83-91.
- MIÉVILLE, China. A Cidade e a Cidade. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Boitempo, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- \_\_\_\_\_. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- WILLIAMS, Raymond. Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- \_\_\_\_\_. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1990.